

Prazer nada oculto

Ricardo Daehn

Parceira artística, por anos, do pernambucano Gabriel Mascaro (premiado no último Festival de Berlim), de quem produziu cinco filmes, a diretora britânica Rachel Daisy Ellis conta que, ao lado de colegas como Renata Pinheiro, luta para conseguir espaço e visibilidade, traços que podem ser alcançados pelo impacto do longa dela, *Eros*, um documentário sobre frequentadores de motéis.

Há 22 anos radicada no Brasil, Rachel comandou o documentário *Eros*, sob a premissa de as pessoas passarem por filtro: tinham que topa filmar uma noite no motel, mas muitos, claro, não tiveram, perfil e interesse. Nisso, percebeu que precisava estar junto no resultado final, suprindo certo exibicionismo e um quê do desejo de ser vista, numa espécie de encontro com demais personagens do filme.

Se filmar e partilhar histórias foi “muito esquisito”, mas válido. Registrar o Brasil com algo de viés conservador igualmente foi pertinente. Mas, no exterior, nos Estados Unidos sentiu pudores dos programadores de cinema no entendimento de que motel não estava necessariamente associado a sexo pago. No filme que dirigiu, entre curiosidades esteve o enfoque ainda de profissionais que produzem filmes caseiros em motéis para fins mais comerciais.

FOTOS: FISTAILE E DESVIA



ENTREVISTA // RACHEL DAISY ELLIS, CINEASTA

Casais são público específico para um filme que tenha registro tão desavergonhado?

O filme é ambientado nos motéis e reflete sobre o motel enquanto instituição de sexo que, é muito presente na vida do cotidiano dos brasileiros. E fala de muitas coisas. Então, eu diria que sexo é uma parte do enredo, obviamente, importante. Mas, se fala muito de amor, de intimidade e da forma que a gente se relaciona um com o outro. Nisso, reflete sobre religiosidade, e alcança questões de ideologias das pessoas. O forte no processo da pesquisa era: as pessoas estavam perguntando e, a partir desse espaço, como se transborda e se fala muito sobre o Brasil e a diversidade que existe, enquanto maneira que a gente se relaciona com o prazer com desejo? Se fala de viver nossa sexualidade e o nosso prazer no filme.

Houve filtros? Como foi a escolha da representatividade do que está em cena?

Quando eu comecei a fazer o filme, parti, por causa do desejo inicial de falar de motéis como um espaço que existe unicamente para as pessoas transarem. É algo óbvio e gritante, mas se esconde a identidade das pessoas que estão lá dentro e como isso impacta a vivência da sexualidade. Primeiro, fui recolhendo e ouvindo muitas e muitas histórias e pessoas podem entender como são as pessoas que ficam atrás dessas paredes, nas suítes. Nisso, desconstruí ideias: fica no imaginário popular que motel é, principalmente, para infidelidade e sexo pago. Entendi, em campo, que existem diversas outras razões de que as pessoas recorrerem ao espaço.

E quanto ao recorte?

Sabia que teria um filme de, no

máximo, duas horas e terei que ser limitante. Nunca daria conta de toda a representatividade. Tive pistas de que queria alguns perfis específicos como trazer casais mais velhos; era muito importante trazer corpos idosos também. E também quis muito ter um casal religioso, evangélico, porque era importante refletir sobre isso e quebrar estereótipos. Tirando esses dois que busquei, estava muito aberta ao que, naturalmente, surgia.

Como o Brasil está nas questões de sexo em relação ao exterior?

Tive acesso a festivais muito à frente na investigação de como colocamos o corpo no cinema. Muito provocativos os temas. Há festivais específicos de cinema erótico. É importante não defendermos que o sexo deva ser filmado da forma x, y e z. Há debate para as pessoas se sentirem confortáveis de ver e falar sobre sexo.